

Eu gostava que alguém salvasse o futebol: uma riqueza, uma estética, uma expressão para o talento genial, uma geometria variável, um bailado imponderável, uma afirmação coletiva, uma luta leal, uma ciência, um foco de união, uma identificação nacional, uma conquista... em suma, um desporto.

Não, não proibam o futebol. Amem-no, salvem-no do atraso civilizacional!



o futebol devia ser proibido?

Quase todas as semanas lemos notícias sobre insultos a árbitros, pancadaria entre adeptos, agressões nos jogos. Em Portugal e por essa Europa fora. Ninguém liga. Até sorrimos e trocamos piadas com os colegas de trabalho, à segunda-feira, sobre a insanidade dos dias precedentes.

A polícia é mobilizada aos milhares para controlar desacatos à porta dos coliseus, para encaminhar multidões encarneiradas até ao redil ululante ou para algemar psicopatas de fim de semana, numa rotina violenta que quase não é notícia, tal é a normalidade com que encaramos o jogo de lançamento de petardos, de garrafas ou de pedras com que certas claques se entretêm a profissionalizar e a rentabilizar uma metódica, putativa e lucrativa "paixão", palavra com que, por sua vez, governantes, autarcas, deputados, académicos, juristas, escritores, jornalistas, gestores, banqueiros ou economistas, gente que domina e controla o poder, gente que manda, gente que decide, gente que influencia, desculpam o seu próprio comportamento bestial, mal-educado, grosseiro, estúpido.



Porque achamos normal e aceitamos ver, todas as semanas, 50 mil pessoas, muitas delas incapazes de levantar a voz no emprego face a um chefe injusto, em casa perante um abuso de um cônjuge ou, até, numa loja onde foram enganados por um

comerciante, chamar, em uníssono, "ladrão" ou "filho da puta" a um árbitro que nunca lhes fez mal na vida?

Porque achamos normal ver tanta gente trabalhadora, esforçada na vida, cidadãos exemplares, a perder qualquer réstia de dignidade frente a um jogo que, supostamente, deveria diverti-los?

Porque tantos pais e mães de crianças se dedicam ao palavrão mais carregado à frente das crias que pretendem educar?...

Eu gosto imenso do futebol mas sou obrigado a afastar-me dele. Aos estádios, quando a norma do "gatuno" dos velhos tempos gritado ao juiz de partida passou a cuspidela para o campo contra o fiscal de linha, deixei de ir. Não quero ser cúmplice.

Na televisão gosto de ver os jogos mas tudo o resto me repugna: as reportagens infantiloides, os comentadores de gramática embaraçada, os adeptos a disputar taças de fanatismo, os dirigentes de discurso criminoso. Não quero sofrer.

E o pior de tudo são os programas televisivos de análise à jornada: horas de trocas de insultos, de sectarismo imbecil, de traficância de interesses descarada. Não quero vomitar.

O futebol é bonito mas quase tudo o que está à volta do futebol é feio. E tudo o que é feio à volta do futebol contaminou a sociedade: o tom com que hoje, por exemplo, se discute política no Parlamento ou nos meios de comunicação social; a maneira como as pessoas usam as redes sociais para a catarse das suas frustrações; o grau de intolerância com que tantos encaram o outro que lhe é



estranho devem muito a décadas desta aculturação tribal, guerreira, incivilizada, a esta febre já diagnosticada há tantos anos pelo sociólogo Desmond Morris... E ainda sem cura!

E também há a corrupção, o dinheiro a escorrer a rodos, a permanente suspeita de vigarice...

Eu gostava que alguém salvasse o futebol: uma riqueza, uma estética, uma expressão para o talento genial, uma geometria variável, um bailado imponderável, uma afirmação coletiva, uma luta leal, uma ciência, um foco de união, uma identificação nacional, uma conquista... em suma, um desporto.

Não, não proibam o futebol. Amem-no, salvem-no do atraso civilizacional!

Pedro Tadeu. Jornalista

Diário de Notícias, 4 abril 2017

Papa pede a futebolistas para serem «testemunhas de lealdade» e «honestidade»

A relação da mensagem evangélica com o desporto não é novidade na Igreja mas a insistência nessa ponte constitui uma das particularidades do pontificado de Francisco, que hoje [16 de maio] recebeu, no Vaticano, atletas da Juventus e da Lazio, acompanhados por dirigentes da principal liga de futebol italiana.

O encontro ocorreu na véspera da partida entre os dois emblemas para a final da Taça de Itália, revela a Rádio Vaticano.

As equipas de Turim e Roma, além de terem conseguido **«ótimos resultados, são muito amadas pelos desportistas»**, o que as compromete **«ainda mais a testemunhar os autênticos valores do desporto»**, declarou o papa.

«Considerando o fascínio e os reflexos que o futebol profissional tem nas pessoas, especialmente nos jovens», os seus protagonistas têm uma «considerável responsabilidade», frisou.

Os atletas **«considerados "campeões" tornam-se facilmente figuras de referência, e por isso cada competição é uma prova de equilíbrio, de domínio de si, de observância das regras»**, venceu o papa.

«Quem, com o seu comportamento, sabe dar prova de tudo isto, torna-se um exemplo para os seus admiradores. É isso que desejo a cada um de vós, que sejais testemunhas de lealdade, de honestidade, de concórdia e de humanidade», afirmou.

Francisco recordou que **«por vezes, nos estádios, verificam-se, infelizmente, episódios de violência, que perturbam o sereno desenrolar das partidas e o são divertimento das pessoas»**.

«Desejo que, na medida daquilo que está ao vosso alcance, possais ajudar sempre a atividade desportiva a permanecer como tal e, graças ao empenho pessoal de todos, a ser motivo de coesão entre os desportistas e em toda a sociedade», sublinhou.

O papa terminou o encontro a agradecer a visita das equipas, desejando-lhes que façam **«verdadeiramente uma bela partida»**, naquela que é a 69.^a edição da Taça de Itália, marcada para o estádio olímpico de Roma.

Em 2016 Francisco também recebeu os finalistas da Taça de Itália, também a Juventus e o AC Milan.

O Conselho Pontifício da Cultura tem um departamento dedicado ao desporto, apoia uma equipa de "cricket", que em abril visitou Portugal, para disputar um torneio inter-religioso, vai patrocinar, em Roma, a primeira meia maratona pela paz, no mês de setembro, e em outubro do ano passado organizou a primeira conferência mundial sobre fé e desporto, que contou com a presença do então secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, e do presidente do Comité Olímpico Internacional, Thomas Bach.

SNPC [Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura], (16.05.2017)

Fonte: [Rádio Vaticano](http://snpcultura.org/papa_pede_a_futebolistas_para_serem_testemunhas_de_lealdade_e_honestidade.html)

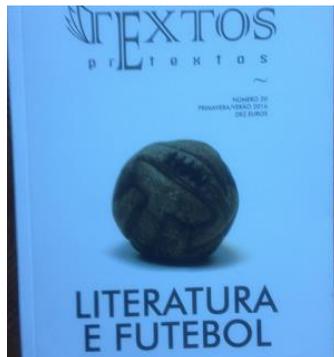
http://snpcultura.org/papa_pede_a_futebolistas_para_serem_testemunhas_de_lealdade_e_honestidade.html

Literatura e Futebol

Quem tem alguma memória do que se vai fazendo em literatura, à escala mundial, não terá muitas dúvidas da importância que o futebol tomou como “leitmotiv” da criação literária, seja na ficção, na poesia ou no cinema, e, num plano mais imediato da informação, como objecto privilegiado da crónica e da reportagem.

Por altura do Europeu, que Portugal venceu, o “Magazine Litteraire” publicou um interessante dossier sobre a matéria, registando os últimos livros mais relevantes publicados sobre o universo da bola, e, num dos textos, lá vinha a evocação de Camus como futebolista e amante desse desporto e uma foto emblemática de Pasolini, equipado a preceito e com a bola no pé, com uma citação em que o grande realizador dizia que (e estou a citar de memória) depois do cinema e da poesia, o fascínio pelo futebol era dominante. Por cá, lembro sempre o papel de um jornal chamado “A Bola” como escola de leitura e espaço de liberdade, antes do 25 de Abril, onde avultavam as crónicas do meu querido e saudoso Carlos Pinhão e a colaboração de escritores de primeira linha, como Ruy Belo.

Se hoje estas lembranças vieram ao meu encontro é porque, no âmbito editorial português, para mais num espaço ligado à universidade (Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), se registou um verdadeiro acontecimento, face à forma como estas temáticas têm sido, por preconceito ou pura desinformação, afastadas do espaço académico. Falo do último número de “Textos e Pretextos”, a revista dirigida por Margarida Gil dos Reis, impressa pela A.23, considerada, a par da “Colóquio Letras”, da Fundação Calouste Gulbenkian, entre as melhores publicadas em Portugal. Com “Literatura e Futebol”, a “Textos e Pretextos” cumpre vinte números publicados, repartidos entre autores vivos portugueses ou temáticas autónomas ligadas à literatura, poesia e artes, sempre com um apuro gráfico e uma qualidade



de colaboração, que tornam a revista (com muitos números esgotados: lembro apenas os dedicados a Chico Buarque ou a Eugénio de Andrade) num indispensável instrumento de consulta. O mérito da materialização de um projecto tão singular e persistente na cultura portuguesa, tem de creditar-se à Doutora Margarida Gil dos Reis que leva dez anos à frente da “Textos Pretextos”.

Nesta edição de “Literatura e Futebol”, não faltam textos e pretextos surpreendentes para nos convocarem à leitura. Os separadores entre as áreas temáticas (“Texturas – Ensaios”, “Contra-Senha – Testemunhos”, “Variações – Entrevista” e “Gestualidade – Bibliografia”) são marcados por palavras de Carlos Drummond de Andrade, como este poema: “Futebol se joga no estádio?/Futebol se joga na praia,/futebol se joga na rua,/futebol se joga na alma./A bola é a mesma: forma sacra/para craques e pernas de pau./Mesma a volúpia de chutar/na delirante copa-mundo/ou no árido espaço do morro./São voos de estátuas súbitas,/desenhos feridos, bailados/de pés e troncos entrançados./Instantes lúdicos: flutua/o jogador, gravado no ar/- afinal, o corpo triunfante/da triste lei da gravidade.”

Margarida Gil dos Reis explica no editorial que “no futebol, estamos sempre perante duas histórias, o jogo e a vivência humana” e “esta potência do futebol foi aquilo que nos impulsionou a dedicar este volume da “Textos e Pretextos” ao tema “Literatura e Futebol”. Essa dimensão perpassa pela revista que contém belíssimos ensaios de António Sá Moura (“Poesia e Futebol: alguns exemplos”), Norberto do Vale Cardoso (“O Benfica como lição de estética em António Lobo Antunes” – e aqui uma frase do escritor em tempo de “futebol no jogo da guerra”: “E eu masturbava-me no quarto sob a fotografia colorida da equipa do Benfica, na esperança de vir a ser um dia o Águas da literatura”) e Nuno Domingos (“Da poesia e do futebol: José Craveirinha e a situação colonial em Moçambique”).

Particularmente interessantes os testemunhos, sobretudo os de Eric Nepomuceno, que fez um excelente texto sobre “o escritor brasileiro e o futebol escrito”, as histórias de pequeno formato de Gonçalo M. Tavares, ou as narrativas de João Assis Pacheco. Imprescindível ler os excertos das entrevistas a Nélson Rodrigues, de verdadeira antologia.

Fernando Paulouro. Jornalista

<http://www.fernandopaulouro.com/2016/09/literatura-e-futebol.html>

cinema

Histórias de outro tempo

O filme de Marta Mateus, *FARPÕES, BALDIOS*, construído como um trabalho da memória de trabalhadores rurais do Alentejo, entra neste sábado na competição nacional do *Curtas Vila do Conde*.

FARPÕES, BALDIOS, o título da curta-metragem de Marta Mateus que tem este sábado estreia nacional no Curtas Vila do Conde e foi apresentada na Quinzena dos Realizadores do último Festival de Cannes, podia ser o início de um recitativo, como aqueles que as personagens pronunciam e declamam como se



estivessem num palco. O palco é a paisagem de uma zona interior do Alentejo, as personagens são os trabalhadores rurais que, pelo recurso à memória, abrem o filme a uma temporalidade que não é a da lógica narrativa convencional. Aqui, quase só comparecem velhos e crianças: os primeiros para evocar o passado, os outros para avançar às arrecuas (como avança um deles, por uma estrada mal desenhada no meio dos campos, puxado por uma menina e com os olhos fixos no horizonte de que se vai distanciando) e para deixar o tempo suspenso entre o passado e o presente. As crianças abrem farpas na espessura temporal dos velhos.

O filme, que está na competição nacional do Curtas Vila do Conde, não conta uma história, conta histórias condensadas das vidas dos trabalhadores rurais, do regime de trabalho duro a que foram sujeitos, do quase nada com que sobreviviam, da relação ritualizada com o seu mundo das origens, com uma paisagem primordial e severa de onde nascem as “fábulas míticas” (a expressão é de Pavese). Também não constrói uma ficção nem extrai testemunhos para um documentário. Não há nenhum procedimento historiográfico, nem etnográfico, nem sociológico, muito embora não proíba o espectador de ter em conta esses saberes e referências. A lógica deste filme é outra, o seu tempo é o da memória que não responde às exigências do encadeamento nem labora para a fábrica do contínuo com que o cinema veio a identificar-se. As imagens são quase sempre de uma beleza inaudita, mas não há nenhuma estetização ostensiva e retoricamente inócua. As personagens trazem para o filme uma linguagem primordial, pertencente a uma tradição oral, feita de ditos, rezas pagãs, contos populares, provérbios. **E esta dimensão idiomática da linguagem alarga-se ao que no filme pertence a códigos não-verbais, muito especialmente as fisionomias e os gestos. Dir-se-ia mesmo que o**

filme foi feito para restituir os gestos e as palavras de que as pessoas foram espoliadas e que deixaram de ter valor no mercado social.

A câmara evita exercer qualquer soberania técnica sobre as personagens. O movimento mais determinante de *Farpões, Baldios* é da ordem de uma tonalidade afectiva a que podemos chamar empatia. E a empatia, aqui, é sobretudo o efeito visível de uma escuta. A fala das personagens é para ser escutada, como um poema é para ser ouvido, porque quase nunca se adequa à dimensão pragmática e comunicativa da linguagem. As personagens falam numa língua que é um idioma comunitário, transmitido pela tradição oral: elas fazem ainda parte de uma civilização da oralidade, em extinção, sem a qual não existiria poesia. Aqueles homens e aquelas mulheres transportam consigo uma espécie de gravidade que faz deles “últimos homens” e “últimas mulheres”.

Há uma dimensão literária evidente nesta curta-metragem de Marta Mateus (sem cair em afectações poéticas indesejáveis e perigosas) que advém do recurso às palavras reveladoras de um enraizamento mítico-simbólico com o espaço. Se quisermos definir o filme quanto ao género, em função de categorias literárias, podemos dizer que ele integra elementos narrativos, poéticos e dramáticos. A dimensão narrativa é a das histórias que são contadas de maneira concentrada e elíptica; a dimensão poética tem a ver sobretudo com a desactivação do contínuo narrativo e da linguagem da comunicação; a dimensão dramática é a do efeito teatral de todas aquelas vozes que tornam o passado presente. Esta presentificação não se serve de nenhuns outros recursos que não seja a memória. Em nenhum momento deste filme se quer mostrar em imagens aquilo de que se fala. Esse “realismo” é completamente estranho ao seu movimento e à sua estética.

A memória condensa, expande, cria, ficciona. Transforma o real em imaginário. Ora, essa topologia imaginária que *Farpões, Baldio* restitui dá às suas personagens uma primazia que faz delas também autores do filme, no sentido em que determinam o modo de filmar. E, além delas, há a paisagem: árida, agreste, onde nunca se vislumbra um sinal que remeta para formas de vida contemporâneas. A paisagem não é aqui um cenário, um fundo. Pelo contrário, muitas vezes sentimos que as personagens são submersas por ela. Trata-se de uma integração forte e dolorosa entre o elemento humano, cultural e com história, e o elemento natural, que tem também certamente uma história, mas com outra temporalidade. Ora, o que esta curta-metragem tem de exemplar é o modo como faz dialogar os dois elementos e os integra numa unidade superior de sentido. Da mesma maneira que nos dá uma “fábula mítica” sem perder o contacto com a História e o seu lado mais cruel e injusto. Devemos perceber que este filme não deixa que a estética da memória aniquile a dimensão política. Não, obviamente, a política que se traduz em conteúdos e ideologemas, mas a que está comprometida essencialmente com uma forma.

António Guerreiro

Público, 15/07/17